

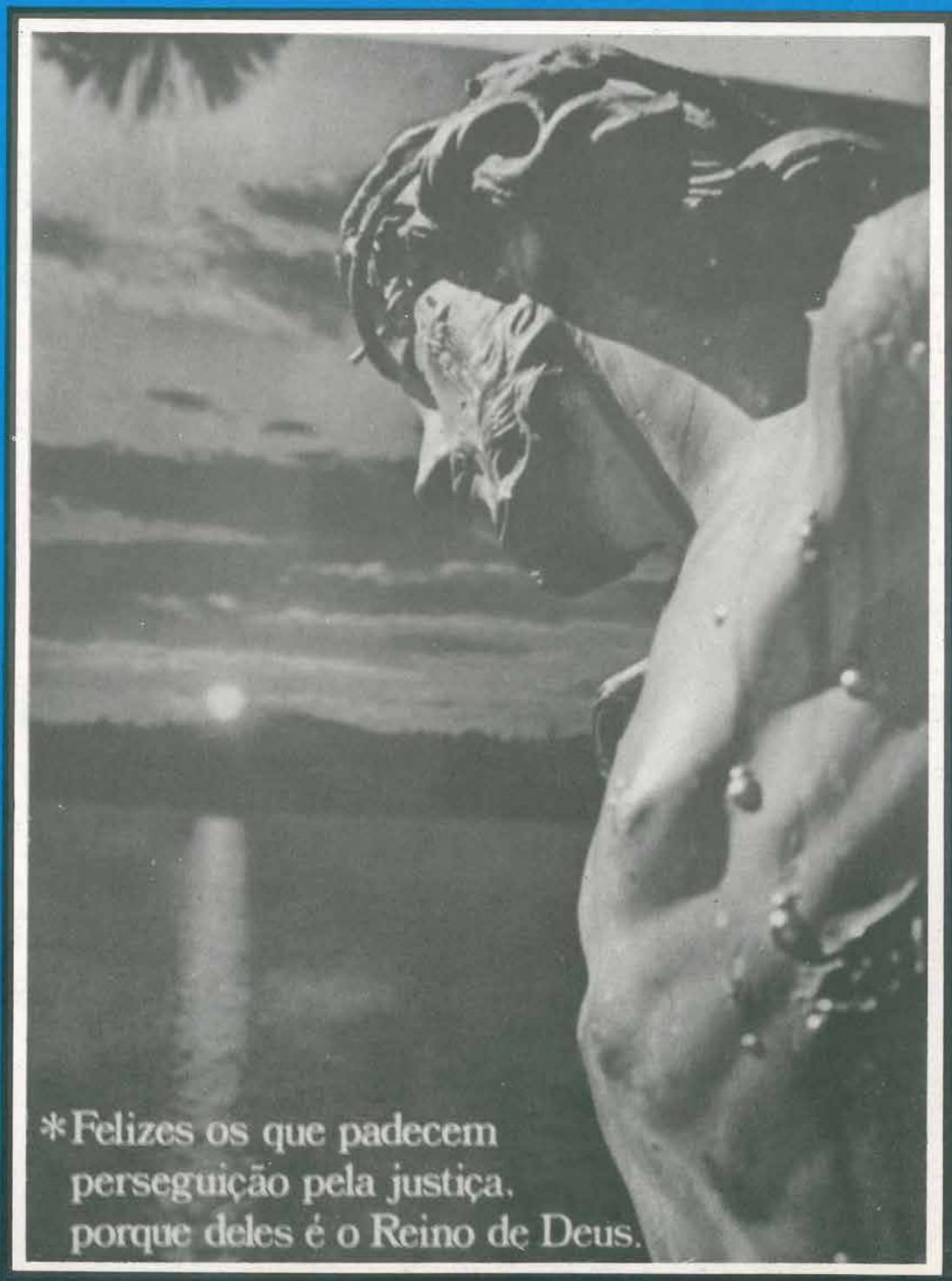


NOVEMBRO DE 1978

Nº 24

# a chama

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES  
DO COLÉGIO S. VICENTE DE PAULO-RIO



\*Felizes os que padecem  
perseguição pela justiça,  
porque deles é o Reino de Deus.



# A SEGURANÇA COMEÇA PELA MARCA

**NORTH**

*Indacel*

*James North do Brasil S.A.*  
EQUIPAMENTOS PARA SEGURANÇA INDUSTRIAL

SIMBOLOS DE SEGURANÇA

A linha North-Indacel de equipamentos de proteção individual inclui produtos que atendem a todas as necessidades de segurança da moderna e complexa indústria de nossos dias.

Entretanto, não tem sido essa variedade o que tem colocado em destaque os equipamentos North-Indacel e sim as características de qualidade que

cada um de seus produtos apresenta por si mesmo.

Para cada tipo de equipamento foram investidas décadas de experiência e foram desenvolvidos materiais e processos de fabricação que tornaram a segurança, o conforto, a durabilidade e a adequação ao trabalho as características comuns aos produtos North-Indacel.

Endereços:  
(Fábrica) Rio de Janeiro  
20.000 Rua Mabroré, 421  
Fones: (021) 261-0856 e  
261-7850  
(Vendas) São Paulo  
01154 Rua Conselheiro Brotero,  
478 Fones: (011) 64-7827  
e 64-2631  
Representadas em todo o Brasil

LUVAS DE PVC • CAPACETES • OCULOS • CAPAS E JAPONAS • AVENTAIS • PRODUTOS DE RASPA, LONA E VAQUETA  
• RESPIRADORES • BOTAS • PROTETORES AURICULARES • TALHAS DE SEGURANÇA • LUVAS DE PVC • CAPACETES

# NORTH

**NAO PERCA TEMPO!**

Pense nisso agora. Não deixe para o fim do ano:

*O CED RESOLVE O PROBLEMA DE REABILITAÇÃO DO ESTUDO  
DE SEU FILHO,  
DENTRO DOS MELHORES PADRÕES DO ENSINO ATUAL*

## A melhor opção para alunos de 1º e 2º graus que;

Foram transferidos

Não conseguem se concentrar

Têm dificuldades nas matérias



**ORIENTAÇÃO NOVA E DINÂMICA** que assegura  
aproveitamento integral  
proporcionando base nas matérias e organização  
nos estudos.

# CED

— Centro de Estudos Dirigidos  
Rua General Polidoro, 83 sobrado — tel: 226-0517  
Botafogo — Rio de Janeiro — RJ

# a chama

## EXPEDIENTE

Rua Cosme Velho, 241 - Tel.:  
285-0631  
Laranjeiras - 20.000 - Rio de  
Janeiro (RJ).

### CONSELHO EDITORIAL:

Isis e Átila de Figueiredo Neves,  
Maria Lúcia e Francisco  
Albuquerque, Vera e Alberto  
Moreira Filho, Leonor e  
Joaquim Barat, Vera e Sérgio  
Coelho Gomes, Laís e Roberto  
Gomes da Costa, Teresa e  
Nelson Lemos, Cecília e  
Eduardo Craddock, Conceição  
e Weimar Vaz, Maria Lúcia e José  
Nilo Tavares.

### SECRETÁRIO DE REDAÇÃO:

Marcelo Camurça.

### CONTATO DE PUBLICIDADE:

Edson de Sousa Saenz

- Os artigos assinados, são da  
responsabilidade dos autores.
- Aceitamos permutas, com  
publicações do gênero.
- Circulação dirigida: 2.000  
exemplares.

Produção - EDITORA E  
DISTRIBUIDORA ÊXITO  
LTD.A.

Rua Barão do Amazonas,  
572/802. Tel.: 719-1370.

Impressão  
EUROPA

## Editorial

# A chama, o colégio, a vela, a escuridão.

Dois fatores principais dificultaram a concretização do projeto da nossa revistinha da APM do Colégio S. Vicente de Paula, A CHAMA: dificuldades gráficas e o acidente em que foi envolvido um dos membros do Conselho Editorial, justamente aquele a quem estavam atribuídas as tarefas finais da edição. Assim, a revista não saiu com a periodicidade desejada e muito menos com a feição gráfica pretendida.

Por outro lado, a Associação não tem encontrado, por parte, dos seus associados - em princípio, todos os pais de alunos do Colégio - um apoio decidido e uma colaboração efetiva, elementos sem os quais as suas atividades estarão fadadas à mediocridade. E qualquer publicação associativa, como a nossa CHAMA, não vale por si só: valeria enquanto resultasse de um trabalho coletivo, o qual, simplesmente, espelharía.

Valerá a pena o nosso esforço de construir uma Associação viva e uma revista atuante? Nós, deste Conselho, acreditamos que sim. A vida coletiva, a consciência social e política de um povo - sem as quais a vida perde o seu sentido e escorre sem perspectiva - começam por essas tramas mais simples: as associações primárias, de família, prédio, bairro, colégio.

Não é de hoje que se denuncia o "individualismo" do brasileiro, a sua "falta de educação política e social", a inexistência de uma "opinião pública", a precaridade, enfim, de uma sociedade civil que imunize os cidadãos das moléstias do patriarcalismo, da autocracia, do militarismo, do imperialismo, do indiferentismo. E todos esses vícios tem sido apontados como causas fundamentais do nosso "atraso" cultural e político.

Não é hora de fazermos alguma coisa? Simples. Tão simples como acender uma vela na escuridão?

## ÍNDICE

ANO V - NOVEMBRO DE 1978 N.º 24

### REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO - RIO

Editorial	3
Carta do leitor	4
Teatro desce ao pátio	5
Mudança no 1.º Grau	6
De pedra em pedra ergue-se o colégio	8
Os professores retomam sua luta	10
Fala o aluno	12
O progresso chegou a Cosme Velho	13
A morte surpreendente de João Paulo I	14
As novas profissões	16
Um físico fala do homem	17
O futuro: o que esperar? o que fazer?	20

# CARTA DO LEITOR

## Companheiros da CHAMA

"Prezados companheiros da CHAMA

Li o último número da revista e percebi os esforços que vocês estão despendendo para fazer uma revista ajustada ao nível do Colégio, dos seus diretores, professores, pais e alunos. Embora o primeiro número da nova fase deixe muito a desejar — principalmente na parte gráfica —, acho a tentativa digna de apoio.

Aproveitando uma "deixa" de entrevista que um ex-aluno concedeu à revista (Sandroni), quando ele refere-se ao hiato existente entre o 1º e 2º ciclos, nas tentativas do Colégio, gostaria, nesta missiva, de fazer algumas observações, ou melhor, levantar certas dúvidas em voz alta. Pelas conversas que tenho mantido com outras mães de alunos, que frequentam o São Vicente, posso adiantar que as minhas preocupações são também a de dezenas de outras pessoas.

Em primeiro lugar, acho difícil, a curto prazo, levar os princípios da educação libertadora ao 1º ciclo, por uma série de razões. Dentre elas, os efeitos de uma tradição que gera a inércia e a dificuldade para formar

uma equipe homogênea, dentro das condições de ensino de 1º ciclo que, geralmente, nos cercam. No entanto, estou de acordo em que é preciso fazer alguma coisa, dar os primeiros passos.

Por outro lado, acho que a educação libertadora, em nenhum momento deverá baixar o grau de exigência em relação aos estudos, no 1º ciclo. Neste particular, o nível do S. Vicente não estaria abaixo do de outros estabelecimentos congêneres? As exigências em relação aos exercícios para casa por exemplo, não seriam menores?

E finalmente, que proposta concreta a educação libertadora faria no caso da violência natural existente entre certos tipos de criança? Uma violência dos homens em relação às mulheres ou das crianças mais fortes em relação às mais fracas, manifestas, principalmente, nos primeiros anos do 1º ciclo? Sei que esse problema é mais geral, envolvendo, inclusive (como todo processo educacional) a própria vida familiar e a individualidade de cada criança. Nem por isso quero deixar de colocar a questão, principalmente à coordenação do 1º ciclo.

Com votos de progresso no trabalho,

Maria Vilella".

## Cristãos ou sarracenos?

A leitura da reportagem sobre os direitos humanos, da última CHAMA, evocou-me exemplar episódio, narrado por Marco Polo, no livro de viagens no século XIII, pela Ásia.

Diz que na capital do reino de Kublai Khan, em Pequim, existia um homem sarraceno (maometano), chamado Achmath Bailo. Esse fulano, que por feitiços caíra nas boas graças do imperador, substituindo-o, inclusive, à testa do governo, em sua ausência, era odiado por todo o povo.

Aproveitando-se do poder adquirido junto ao rei, e escudado em suas crenças religiosas, que justificavam o crime e o arbítrio, desde que praticados contra elementos que professavam outras crenças que não a maometana, Bailo celebrizara-se pela tirania.

Disponha à vontade de cargos e governos; acusava injustamente de crimes os inimigos, que não tinham como se defender e eram executados; deitava as unhas a toda e qualquer mulher bonita que lhe acendesse a cobiça; dispusera dos melhores empregos públicos para sete dos seus filhos e, com base na intimidação e na velhacaria, acumulara fabulosa fortuna.

Certo dia, depois de atentado vitorioso, planejado por dois oficiais do exército do Khan, em que Achmath tivera a cabeça cortada, o imperador foi inteirado do verdadeiro caráter do seu favorito. "Esses acontecimentos chamaram a atenção do Khan para as detestáveis doutrinas da seita dos sarracenos,

que desculpavam todo e qualquer crime, inclusive o assassinio, cometido em detrimento dos que não adotam a mesma religião. E desde então, essa doutrina, que tirara a Achmath e aos seus filhos a consciência dos males que praticavam, passou a inspirar ao Khan apenas nojo e abominação", diz Marco Polo.

A evocação ocorreu-me a propósito dos detentores do poder e da força que, mesmo dizendo-se cristãos, justificam o arbítrio — das prisões ilegais, às cassações e torturas —, contra aqueles que não comungam as suas crenças: ideológicas, filosóficas ou políticas.

Cristãos ou sarracenos?

José Gago Cambainhas

# O teatro desce ao pátio



1.ª peça relâmpago

O Teatro como forma de expressão, vem de longa data, passando por várias formas de sociedades, sofrendo ingerência destas e continuando crescendo destas contribuições. Do teatro grego onde se buscava levar o assistente à catarse, à emoção, ao teatro clássico formal revestido de pompa, pouca diferença houve. Com BERTOLT BRECHT porém houve o primeiro corte, no qual se propunha trazer os problemas sociais para o palco, tentar que esse refletisse a realidade, sem fantasias nem pompa, enfim que o assistente refletisse criticamente sobre o que via, buscava-se despertar a conscientização e não a emoção. Hoje, passando pelo "Teatro Pobre" de Grotowsky, propõe-se uma não compartimentação entre os atores e expectadores, um teatro no meio do povo, que crie situações estimulando a todos participarem, a "fazerem o teatro". Como exemplo disso temos o teatro "coringa" do Boal.

O Teatro inserido no meio estudantil tem uma tradição no Brasil, a do CPC da UNE, quando havia uma tentativa de um projeto cultural com que os estudantes pudessem se posicionar na sociedade. Essa experiência foi interrompida bruscamente e hoje finalmente já começam a despontar outras experiências. O Colégio S. Vicente realiza uma: a do TEATRO RELÂMPAGO.

O Teatro Relâmpago veio com a estrutura do Departamento de Teatro, o qual sentia a necessidade de romper com o isolamento do Teatro no quarto andar, no palco, restrito a um grupo que pesquisava, trabalhava o texto e levava a cena. "É certo que esta forma de Teatro no 4.º andar é válida" argumentam Velho (3.º) e Nelson (2.º) do grupo de Teatro Relâmpago, "porém ela não é a única instância e passa por não estar constantemente presente nos alunos, levando seus problemas do dia a dia, indo para onde os alunos estão, o teatro precisa descer do quarto ao pátio e o Teatro Relâmpago faz isto".

Como se dá na prática o Teatro Relâmpago?

Estamos na hora do recreio, o pátio repleto; o pessoal conversando, é junho e só se fala na Copa. De repente, não mais que de repente, entra em cena, em maca, um sujeito todo "ensanguentado", ladeado por "médicos", "enfermeiros" e um "locutor de rádio" que narra no exaltado estilo "Jorge Cury" uma peleja do Brasil.

Nesse instante monta-se no centro do pátio, a cena de um hospital. O locutor segue sua narração, a que os médicos e enfermeiros acompanhavam vivamente, enquanto o doente debate-se em agonia. A essa altura o pátio está cercado de alunos, de curiosos funcionários e professores. Todos atentos, alguns riem, outros, entrando no teatro vivo protestam contra o descuido da parte dos médicos para com o paciente agonizante. Logo surge a "polícia", devidamente armada de cacetetes e passa a reprimir duramente todos os mais próximos da cena.

A dinâmica da cena é marcada pelo ritmo da narração do locutor, que vai num crescendo até atingir ao ápice com o frenético berro "GOOOOL", ao qual médicos, enfermeiros, polícia, participam numa também frenética alegria. Ao mesmo tempo que isso ocorre o agonizante em sucessivas convulsões, exala seu último suspiro. Depois disso mudez total. Os "médicos", "enfermeiros" abrem caminho por meio da multidão levando o cadáver, acompanhado pela "polícia" que vai abrindo espaço, na base do cacetete até desaparecerem do mesmo modo como chegaram.

A roda ainda está aberta, em volta os alunos permanecem atônitos. No meio dela está um participante da peça, o único que ficou, com um papel na mão, então ele passa a lê-lo em voz alta; é uma denúncia das péssimas condições dos nossos hospitais públicos,

onde morrem pessoas aos turbulhões. Fala dos acidentes de trabalho, da falta de segurança por parte das empresas, quando termina vem a chuva de palmas, enquanto ele também sai de cena. O sinal do recreio bate. Todos sobem para aula discutindo o fato.

"O Teatro não é um bicho de sete cabeças" diz Nelson (2.º), a nossa primeira apresentação despertou nas pessoas interesse. Tanto que nas demais, cresceu o número de participantes, assim também como nas reuniões do Departamento de Teatro.

O grupo de teatro apresentou uma peça relâmpago, uma rádio novela no pátio, onde encenou peça de Mário de Andrade, de conteúdo crítico à sociedade, aos costumes; e também uma rádio novela que foi uma criação — coletiva criticando ironicamente os "sanguinolentos" programas de rádio, tipo "Cidade contra o Crime".

A importância desta experiência no S. Vicente é fundamental, surtindo efeito nas turmas. Onde uma já está com o projeto de encenar "O Cortiço", livro da cadeira de Português.

A experiência será cada vez mais produtiva na medida que leva o aluno não só a refletir sobre os problemas colocados, mas também a se enquadrar nas situações dando-lhes subsídios para transformá-las. Só assim estamos marchando para um Teatro Vivo.

# MUDANÇA NO 1º GRAU

No primeiro dia de aula, os alunos e seus pais foram surpreendidos por uma Circular da Direção que versava sobre a Unificação do 1º Grau. Todos sabemos que apesar da reforma do ensino que unificou o primário e o ginásio no 1º Grau, o São Vicente funcionava com duas equipes para cada um dos respectivos "Cursos". Isso acarretava uma não homogeneidade a nível de orientação, resultando num caos para a formação da criança adolescente. As palavras do Diretor na circular eram: "Ora, a manutenção da dupla orientação, dada a diversidade do modo de pensar e de agir, vinha, de fato, adiando isso..." Portanto, como medida prática, a circular informava que a equipe da 6ª, 7ª, 8ª séries abarcaria todo o 1º Grau, ficando como Coordenadores os professores Tedesco, Solange e Armando.



Nós da CHAMA estávamos interessados nas perspectivas da nova coordenação, no desejo de informar melhor aos pais. Ao procurarmos a sala da coordenação, foi sem dúvida sintomático a encontrarmos vazia. Os coordenadores estavam em ação, contactando diretamente sua equipe e seus alunos. Encontramos o Prof. Armando no corredor conversando com um mestre de classe. Sua postura é indagativa, como que procurando sorver toda as preocupações, indefinições, limitações e principalmente as potencialidades daquele membro de sua equipe e canalizá-las para o seu projeto.

O mestre de classe, embaraçado, tenta explicar o porquê dele permanecer na sala de aula no intervalo, para manter a ordem. Armando lança-lhe questões, tenta refletir com ele que os alunos só se conscientizarão do respeito mútuo praticando-o. Que não adianta um agente externo mantenedor da disciplina, faz uma analogia com um policial e por fim acha que o mestre de classe deve portar-se como um auxiliar nas dificuldades, não como um "bedel" à antiga. O mestre de classe apresenta-lhe uma lista de alunos

problemáticos, como que para a coordenação decidir seus destinos, puní-los. Armando responde-lhe que foi importante ele ter detectado esses alunos e que ele, o mestre de classe, deveria dispensar maior atenção a esses alunos.

— "A orientação não é privilégio da coordenação. Toda a equipe deve agir. Numa escola todos são educadores, do porteiro ao Coordenador" — disse Armando.

## Princípios e normas

Mais tarde na sua sala, Armando fala das dificuldades de se aprender os princípios em detrimento das Normas. É fácil, segundo ele, cumprir as normas ao pé da letra. No caso do mestre de classe que tem toda uma formação de cumprir ordens da coordenação, a discussão dos princípios permite liberdade, mas ao mesmo tempo gera uma insegurança. Pois a partir daí ele não será mais

um apêndice, cumpridor de ordens e sim terá que ter autonomia de ação dentro dos princípios, ele será uma parte ativa dentro de um todo.

Armando nos diz que a princípio a posição da nova coordenação é de tomada de conhecimentos da realidade. Para isso está havendo reuniões semanais com professores e mestres de classe. A coordenação acha importante que se busque um trabalho de equipe, com a contribuição de todos ao invés de uma orientação de cima para baixo.

Com relação aos professores, a posição da coordenação é de estimulá-los a um melhor desempenho. Armando insiste em pontos como: o professor deve participar do processo educacional, não devemos (a coordenação) citar normas, sem pensar juntos, como deve ser feito? Porque deve ser feito? Um exemplo concreto disso foi a discussão sobre o critério da avaliação. O 1º Grau (primário) mantinha uma semana de provas, como sistema de avaliação. Ocorre que essa "semana", ou melhor, a expectativa dessa semana deixava os alunos num estado elevado de tensão, tensão essa acrescida pela obrigação "moral" de prestar aos pais uma satisfação em termos de nota.

# MUDANÇA NO 1º GRAU

Armando é de opinião que a escola comece a questionar junto aos pais, a cobrança das notas e as implicações deformativas disso. "Temos que questionar o valor da nota, e o desvalor que há por trás disso, que é a competitividade".

mazelas da "deseducação" e assumindo uma participação maior no seu processo de educação.

Quanto aos pais, Armando se coloca como defensor da integração escola-família. Aonde trabalhou sempre lutou para a operacionalização disto. Diz



## As provas

Pois bem: após uma discussão profunda, as professoras resolveram abolir a semana de provas, colocando a avaliação como critério próprio. Isto sem dúvida foi um avanço coletivo para o processo de educação. Porém outro dia, Armando foi abordado por um aluno:

— "Tio, acabaram com a semana das provas, para poderem pegar-nos de surpresa!"

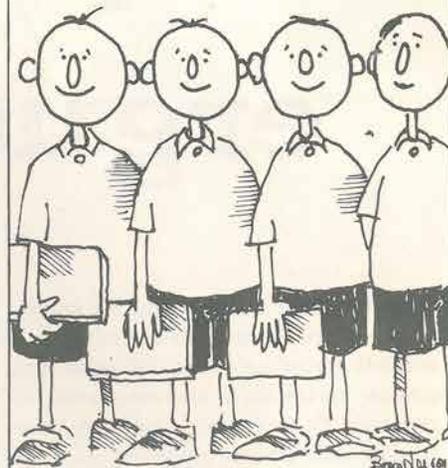
O aluno acostumado a todo um clima de repressão, totalmente desfavorável a ele, encara a medida, como não podia deixar de ser, como mais um ardil do que nós chamamos "DESEDUCAÇÃO", para "pegá-lo de surpresa".

Armando acha que só com a prática da liberdade, o aluno vá gradativamente rompendo com os vícios, as

que a nova coordenação fará reuniões com pais, porém a princípio essas reuniões partirão das necessidades concretas dos alunos e professores. Acha também que os pais devem ir acompanhando as mudanças do filho, e enviando contribuições, sugestões a coordenação, pois o processo de educação é complementar: família-escola.

Estas são aspirações, propostas e projetos da nova coordenação, relatados por um homem de espírito aberto, que se norteia por uma educação como processo. Que não deve trazer as coisas prontas, acabadas; ao contrário, que os alunos, professores, mestres de classes e pais sejam eles mesmos educadores e educandos.

Marcelo Camurça

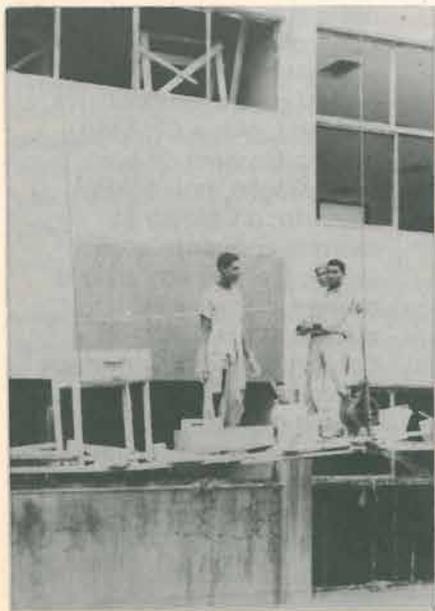


## Alunos do Colégio S. Vicente

sabemos que vocês tem seus grêmios e suas publicações. É bom que os tenham e que a eles deem o melhor dos seus esforços, pois a vida associativa no colégio é degrau para a vida política em geral. Mas a CHAMA precisa também de sua colaboração, pois a APM, a revista, o Colégio só existem enquanto você exista. Enviem-nos artigos, charges, apreciações críticas sobre a vida do Colégio. Basta um envelope endereçado à Associação de Pais e Mestres (CHAMA) e a sua entrega a qualquer dos responsáveis pela instituição.

# De pedra em pedra ergue-se o colégio

Às vezes é difícil crer na realização de certos eventos. Só a obstinação, a vontade férrea de realizá-los pode concretizar certas obras aparentemente impossíveis. Podemos nos remeter às construções das famosas pirâmides do Egito ou mais recentemente: de onde era deserto agora é fértil: as plantações, os Kibutz, a implantação de um Estado Moderno tecnológico como Israel no seio do deserto. Podemos pensar na transformação do programa econômico e social da Rússia, país atrasado, de relações servis que através de tremendos esforços, sob Stalin que demandaram deslocamento de populações, coletivização, industrialização, resultando hoje numa potência reconhecidamente forte no mundo. E finalmente podemos pensar na vastidão do planalto central no Estado de Góias, Brasil, onde, com os braços dos "candangos", o planejamento de Lúcio Costa e Neyemeyer e sob a liderança do Presidente JK, surgiu Brasília, a que Malraux chamou de a Cidade da Esperança.



O Colégio São Vicente pode sem dúvida se enquadrar dentro destes projetos ousados, que teve como sua única liderança aquele de espírito empreendedor, obstinado, aquele em quem a Congregação da Missão (Lazaristas) depositou pesado encargo; este homem era, o Pe. Joaquim da Silveira Horta.

O primeiro momento do Colégio, surgiu em 1951, quando da posse do Pe. Salles, como Provincial do Rio de Janeiro. Este, para compor sua equipe, convidou para o cargo de Ecônomo Provincial o Pe. Horta, que estava em SP construindo uma igreja.

Pe. Horta chegou ao Rio, assumindo o cargo, já com a difícil tarefa de vender a casa central (moradia dos Padres) bastante velha e precária e comprar outra nova. Esse momento, já revela a dinâmica de ação do Pe. Horta. Numa verdadeira maratona de êxitos sucessivos, ele vai a Roma e a Paris conseguindo a autorização para a venda. Através de um bom contato com o Diretor da Antártica S.A. efetiva a venda do prédio por um preço maior do que seu valor real, aloja os padres momentaneamente numa casa em Botafogo, graças a articulação com Dr. Sobral Pinto, encontra e compra o terreno no Cosme Velho, (com auxílio do empregado Zé Lino) desaloja os moradores do cortiço (ver "O Cortiço", chama anterior), constrói a casa central com a Companhia Kosmos, apesar do pouco lastro monetário da Congregação.

O segundo momento do Colégio, surge já com a Casa Central construída e a proposta de se ocupar o resto do terreno com uma igreja, futura Paróquia dos Lazaristas. O então Cardeal Pe. Jaime incentivava esta idéia. Porém a inviabilidade do projeto se constatou pela presença das Paróquias S. Judas Tadeu e Cristo Redentor, muito próximas, atendendo à vazão dos pais, moradores das cercanias.



Padre Horta na inauguração.

Surgiu então a idéia de um Hospital, que entendesse os padres velhos e que fosse ao mesmo tempo benéfico e fonte de rendas para a Congregação. Foi aí então, que contrapondo essa proposta, Pe. Horta entusiasta da idéia de um colégio, a defende, usando o argumento de que os Lazaristas deveriam retomar sua tradição de Educadores, à exemplo dos famosos seminários e colégios existente em Caraça, Mariana, Dia-

mantina, Petrópolis, Ceará, que formaram gerações de brasileiros e estavam inseridos dentro da História da Educação no Brasil.

Logo surgiu a indagação:

— “Como os Lazaristas, ordem fundada para ajudar os pobres, vai se dedicar a um colégio particular, para atender aos filhos ricos?”

Pe. Horta, munido de sua retórica e com uma lógica apoiada nas palavras do Novo Testamento, argumentou:

— Não são pobres apenas os que carecem de riquezas materiais, os pobres de espírito necessitam muito de nossa ajuda”.

Freqüentemente os filhos dos ricos, sofrem distorções de caráter, são problemáticos devido ao abandono que sofrem dos pais . . .”

### DECISÃO FINAL

A polêmica seria decidida numa Assembléia da Congregação. É certo afirmar que além do propósito da Congregação, é da eficiência do seu “executivo” Pe. Horta, condições históricas, propiciaram a formação de um colégio moderno para atender determinada faixa social, possuidora de bens, mas muitas vezes despossuída de paz de espírito, a quem a igreja não devia também negligenciar no atendimento.

O fato é que toda a política desenvolvimentista do Governo JK gerou riquezas que se concentravam nestas classes mais abastadas. Um colégio moderno, que funcionasse em regime de semiinternato, referendado por toda uma tradição educacional do Caraça, etc., viria ao encontro das aspirações deste país, carentes de um bom Colégio para seus filhos, acrescidos de que muitos tiveram experiências nos antigos Colégios Lazaristas.

A proposta então foi aprovada na Assembléia.

O Pe. Horta, sabedor da receptividade que o colégio poderia ter, sabedor de sua finalidade, tratou de deitar as mãos à obra. Entrar em contato com Austragésilo de Atháide renomado intelectual e figura pública, ex-aluno Lazarista e extremamente grato a esta formação educacional. Para este explicou a idéia de retomar a tradição dos educadores, fundando as bases de um Colégio no Rio. Desse contato resultou a formação da Associação dos Ex-Alunos Lazaristas que promoveria a idéia do Colégio e que contava com a participação de nada mais nada menos que: Austragésilo de Atháide, D. Carlos Mota (Arcebispo



SP), Walter Poiares (O Globo), Cristovão Breiner, o Brigadeiro Eduardo Gomes, D. Helder Câmara e o então presidente da República Juscelino Kubistchek.

### LANÇAMENTO

Para o lançamento oficial da idéia do Colégio, foi organizado um banquete no “Globo”, onde compareceram os citados acima e outras personalidades. O almoço foi amplamente divulgado pela imprensa. Neste momento o Pe. Horta fez o pedido de um empréstimo ao Governo para a construção do Colégio, o Presidente respondeu acertivamente. Deste momento em diante o eficiente Pe. Horta começou de novo outra maratona: o pedido de verba demorou a superar os trâmites burocráticas do IAPC; a construção foi iniciada em 1957, tendo à frente os jovens arquitetos e engenheiros, Wolf, Milton Saramago e M. Mello Machado. O Pe. Horta lança mão do recurso de adiantamento por parte dos pais de 5.000 cruzeiros para garantir as vagas no Colégio, e consegue mais tarde um reforço de verba de 12 mil cruzeiros já no Governo de Jânio Quadros. O Pe. Horta corre contra a inflação dos preços dos materiais para a construção. A obra é embargada várias vezes, mas o Pe. Horta entra em contato com o Prefeito Negrão de Lima, conseguindo a retirada do veto. O Pe. Horta consegue auxílio da LBA em 10.000 cruzeiros, conse-

que mais fundos com venda de matas no Caraça. Por fim com 56.000 cruzeiros gastos, o Pe. Horta termina a obra no final de março de 1959, com apenas um mês de atraso. Uma vitória nas circunstâncias dadas.

O Colégio teve inauguração simples, e Pe. Horta foi merecidamente escolhido para Diretor, embora tenha ele mesmo se surpreendido, pois não era essa sua especialidade.

Outro dia Zé Lino, o velho servidor dos padres, a memória viva do Colégio comentou:

— “O Colégio subiu nos “ferrão” dos Paraíbas”.

Isto me faz chamar atenção, para outro lado da história da construção do Colégio. Não só a história dos Mentores, dos Organizadores como Pe. Horta, que seguiu seu caminho empenhando-se na construção da Catedral de Brasília. Mas falo daqueles que colocaram a argamassa, os tijolos, daqueles que pouco a pouco com sua labuta levantaram o Colégio. Temos alguns desses pioneiros entre nós, hoje assalariados, com emprego fixo. São eles: Pau Ferro, Darcy, Manuel Eliotério. E os Outros? Os outros Paraíbas? Os que chegam no Nordeste na esperança de uma vida melhor, ainda estão nas obras, nos “andaimos pingentes que a gente tem que cair”.

Marcelo Camurça  
Responsável pelo Arquivo Histórico

# Os professores retomam sua luta

**PROFESSOR  
VOTE  
NA CHAPA 2**  
ELEIÇÕES DE 7 A 9 DE AGOSTO  
NO SINDICATO

UNIDADE E



RENOVAÇÃO

Pela Liberdade, Autonomia e Unidade  
Sindical • Pelo Direito de Greve •  
Por melhores Condições de Trabalho  
e Remuneração

PROFESSOR, ATIVE SEU SINDICATO



ENSINE OUTRO  
PROFESSOR  
A VOTAR NA  
OPOSIÇÃO!

MORCO

Pela primeira vez, depois de muitos anos, realizaram-se no Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro, eleições com uma chapa de oposição concorrendo. Isto demonstra o marasmo porque passou a classe durante todos esses anos e as novas perspectivas que se abrem com essa nova situação. A vencedora do pleito foi a chapa da oposição: UNIDADE E RENOVAÇÃO, que pensa muito seriamente acerca deste ditado que circula nos plásticos. "Hei de Vencer, mesmo sendo professor". A chapa é apoiada por muitos professores do S. Vicente, tendo também alguns deles compondo-a, como é o caso do Coordenador do 2º Grau Prof. Jorge Luís, que é seu Vice-Presidente.

Jorge Luís nos falou sobre as propostas, aspirações e os princípios da chapa. A chapa segundo ele foi constituída por professores de diversos setores descontentes com a péssima situação da categoria, tanto do lado salarial quanto ao lado profissional. Essa situação foi gerada por uma determinação governamental: desde o fornecimento de verbas até a formação das Universidades, a política educacional desemboca no caso dos professores, num abastardamento da profissão e, conseqüentemente, numa queda considerável da qualidade de ensino. Jorge Luís nos mostra as listas dos resultados do vestibular 79, onde se constata o desnível entre a procura dos que querem ser professores e a de outras profissões, uma minoria opta pelo magistério. O descrédito das novas gerações para com o Magistério é um problema grave.

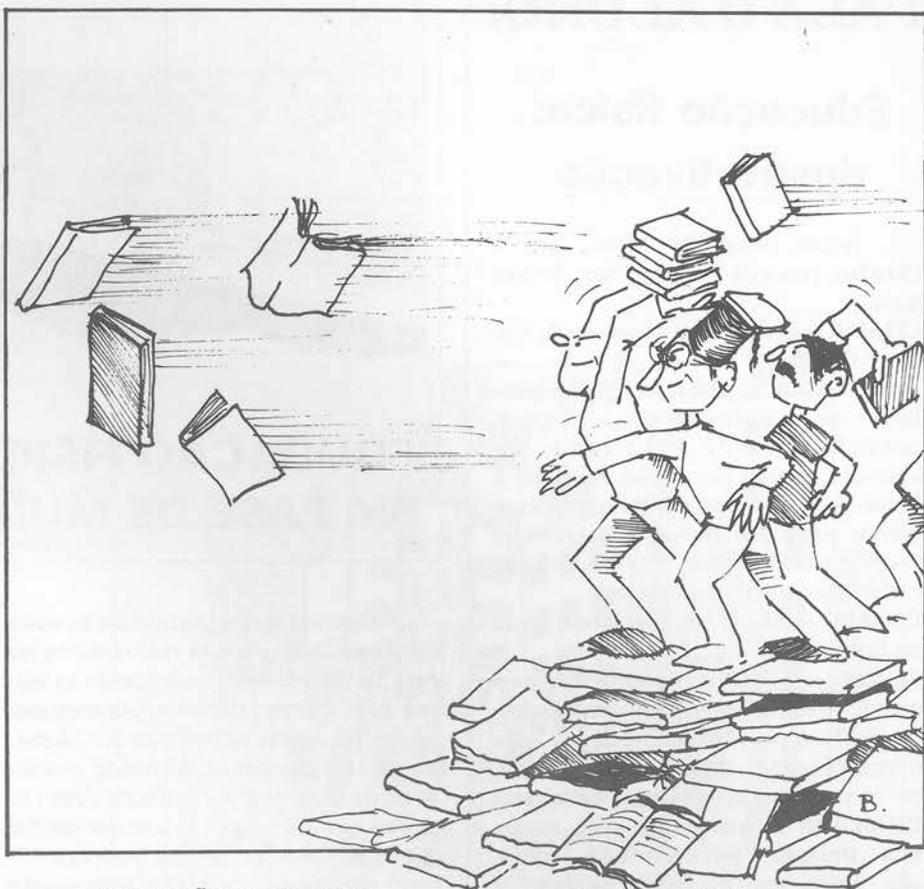
Mas também não é prá menos!, pensa Jorge Luís. O magistério é uma profissão de baixíssima renda. Levando-se em conta que é uma profissão de nível superior, que demanda anos de estudos nas faculdades: a proporção entre os esforços e capitais dispendidos e a remuneração obtida é absurda.

O professor, apesar do vínculo empregatício (embora nem todos o tenham), está sujeito a ser dispensado no meio do ano letivo, sendo impossível para o mesmo arranjar outro emprego, devido às demais escolas continuarem na sua dinâmica de aula com os quadros completos. O professor não é remunerado pelas suas atividades extra-classes (correção de provas, preparação de aulas), só se paga o ato da aula, esquecendo-se de toda uma preparação pré e pós aula. O professor, para manter um salário de sobrevivência, tem que dar um número alto de aulas em diferentes colégios, não lhe sobrando tempo para o estudo, a pesquisa e para o acompanhamento das renovações no campo da ciência, da didática e da pedagogia. Muitos professores do Estado e do Município são regidos pela CLT, que lhes impede a sindicalização, conseqüentemente, uma posição de barganha com o Estado por melhores condições de vida. Para estes professores, o tempo de aposentadoria, que antes era de vinte e cinco anos, foi aumentado para trinta e cinco anos. Como se tudo isso não bastasse, o professor é obrigado a dar aula em Colégios distantes, em condições precárias, com suas salas superlotadas cumprindo, além do seu papel, os de Assistente Social, médico e orientador.

### PROPOSTA DE LUTA

Para contribuir na mudança desse panorama caótico e adverso, a chapa vitoriosa do Sindicato dos Professores veio com propostas objetivas de luta como:

- desvinculação da tutela do Estado e direito de negociar livremente com os empregados;
- estender o direito de sindicalização aos professores admitidos em regime de serviço público;
- promover a sindicalização em massa;
- pela melhoria salarial;
- pagamentos das tarefas realizadas fora do horário e extra-classes;
- direito de greve.



### DESUNIÃO DA CLASSE

Uma situação que preocupa o Professor Jorge Luís, e a Chapa que venceu, é a desunião da classe e o desinteresse por seu órgão de representação, em grande parte ocasionado pela falta de debate nestes últimos quinze anos e também pela inércia da antiga gestão, no Sindicato.

Segundo as estatísticas, no Rio devem existir 40 mil professores, destes apenas 4 mil sindicalizados. Dos sindicalizados, mil e duzentos estavam, com mensalidades em dia, e, destes, apenas seiscentos e trinta votaram, dos quais quatrocentos na oposição.

Esta situação desmoralizadora, advém, particularmente dos últimos 14 anos quando foram naufragadas as propostas de revisão da escola brasileira, e principalmente, os esforços de mobilização para reivindicar melhores condições da vida. Em 68, uma radicalização por parte dos estudantes propiciou o engajamento de parcelas do professorado em novas reivindicações, mas suscitou uma severa repressão e desde então não há registro de nenhum movimento de professores, no Rio.

Recentemente, rompendo a letargia da vários anos, a nossa sociedade vai recompondo as suas formas de representação destroçadas pelo sectarismo

político dos últimos anos, e no caso dos professores surge a SEP Sociedade Estadual dos Professores, que realizou, inclusive, uma assembléia de 220 Professores, no auditório do Colégio S. Vicente.

### PERSPECTIVAS

As vitórias que as oposições vem sistematicamente obtendo em várias eleições nos sindicatos são um passo adiante na conquista de uma Sociedade Democrática.

Jorge Luís, apesar de lastimar a ainda pouca representatividade da chapa eleita, sente-se gratificado em ter conseguido desalojar uma diretoria ineficiente, enclausurada, insensível aos problemas mais sentidos dos professores. Diretoria heterogênia, composta por professores bem intencionados (em minoria) porém sufocados por uma maioria que dava à entidade em caráter de marasmo e tornava meramente figurativa.

A vitória de chapa "Unidade e Renovação" marca o começo de novos tempos promissores, onde os sindicatos possam lutar verdadeiramente pelos interesses de sua classe, buscando uma situação melhor, onde se configure o respeito pelo professor e uma melhor educação para os nossos filhos.

## FALA O ALUNO:

### Educação física: desmotivação

Sobre educação física, fala à CHAMA aluna do 2º científico, Andréa Maria:

**CHAMA — O que acha da educação física no Colégio?**

Andréa — Os horários geralmente escolhidos para a disciplina, por sua inoportuna oportunidade, entre 12 e 13 horas, por exemplo, depois de manhã de quase 5 horas de aulas, afastam, da sua prática, grande parte dos alunos, que preferem fazer educação física fora do Colégio, beneficiando-se de medida legal.

**CHAMA — Mas e os que fazem física no Colégio?**

Andréa — Fazem, geralmente, com grande irregularidade, desmotivados pela displicência (atraso, etc.) ou pela impossibilidade, por falta de número, de formar equipes de jogos (vôlei etc)

**CHAMA — O que sugere para mudar essa situação, tornando-se a educação física em disciplina motivadora e eficaz?**

Andréa — As medidas para a melhoria da disciplina já estão sendo tomadas, com a introdução, por exemplo, de novas opções. É preciso, no entanto, salientar que as falhas apontadas são causadas muito mais por nós, alunos, do que pelos responsáveis pela educação física.



## EDUCAÇÃO FÍSICA EM FASE DE MUDANÇA

Quando foram instituídas as aulas de recuperação, nós as realizávamos no final de cada semestre, obrigando os alunos cujo número de faltas ultrapassasse os limites estabelecidos pela Lei. Acharíamos (e ainda pensamos assim) que esse procedimento era injusto para com os alunos que cumpriam as suas obrigações escolares e, em virtude do horário e número de sessões, um fator estimulante para a falta às aulas normais. Após a consulta a outros setores do colégio, resolvemos mudar a nossa atitude em relação à recuperação. Ao invés de aula, reunimo-nos com os alunos e fomos a procura das causas determinantes do problema (que se agravaram de ano para ano). Desses encontros, concluímos que

as atividades de educação física oferecidas não agradavam a muitos, e que o horário (no caso do 2º grau) não era conveniente. Foram sugeridas, então, algumas outras opções — xadrez, capoeira, pingue-pongue, yoga — e discutidos os horários, de modo a atender as disponibilidades da maioria.

Houve boa receptividade ao novo sistema. Entretanto, devemos aguardar algum tempo para podermos fazer uma avaliação e corrigir falhas. Só então, poderemos dizer se a Educação Física mudou.

Sérgio Rabello  
Coordenador

## As tarefas do Grêmio hoje

O grêmio colegial do Colégio São Vicente é hoje, sem dúvida, a mais forte entidade secundarista do Rio de Janeiro. Porém toda importância e organização assumidas por nossa entidade ao longo dos anos, não correspondem a uma real mobilização dos alunos.

Mas apesar deste quadro um tanto estranho (a única entidade nestas condições de que tenho notícia é GESV), a experiência nos permite identificar com bastante clareza, quais os caminhos que devemos trilhar para reforçar o grêmio em um conteúdo, ou seja, como ampliar a participação dos alunos.

A primeira coisa que devemos compreender é que apesar de a forma do grêmio não compreender o conteú-

do de participação dos alunos, não vamos por este motivo "jogar fora" a nossa entidade.

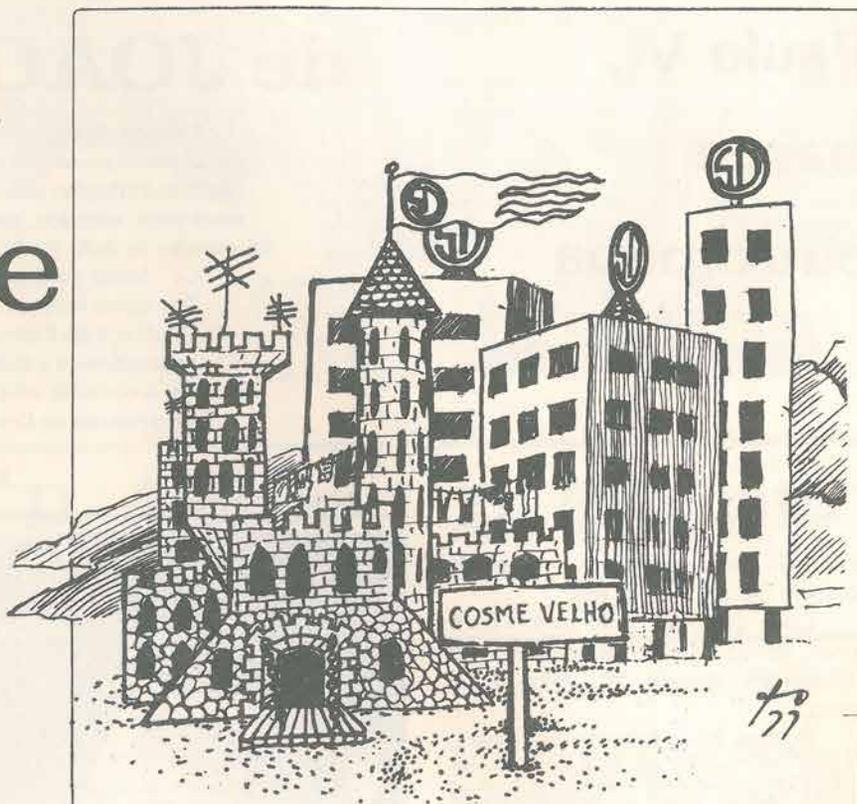
O caminho mais correto é procurar utilizar de uma forma mais eficiente aqueles órgãos de representação dos alunos, como o conselho de representantes, e fazer com que a diretoria do grêmio tenha uma atuação mais dinâmica. Os departamentos são também elementos indispensáveis para se conquistar uma maior participação, na medida em que estes são canais em que os alunos, como um todo, podem ter efetiva participação no trabalho cultural. O trabalho realizado pelos departamentos também é de grande importância porque além de mobilizar, pode em muito contribuir no desenvolvimento da consciên-

cia crítica do aluno. Uma conquista que também será da maior importância, é tornar o grêmio um instrumento de reivindicação, contribuindo no solucionamento dos problemas de ensino que afetam os alunos.

Todos esses pontos que foram enumerados acima são caminhos indispensáveis para tornar o grêmio, concretamente, o órgão de representação dos alunos. Mas não devemos esquecer que esses caminhos se completam formando um todo; não devemos portanto compreendê-los separadamente.

Sérgio Rui  
Presidente do  
GRÊMIO COLEGIAL

# O progresso chegou a Cosme Velho



**QUEREMOS TUDO AZUL: CHEGA DE DOURADO!**

FORTUNATO

Apesar da vizinhança do túnel, que crescia feito centopéia relaxando-se, acalentávamos a idéia de que jamais seríamos envolvidos pelo torvelinho da megalópole. Nós, os habitantes do Cosme Velho ou do Alto Laranjeiras, não seríamos reduzidos — ou ampliados — às dimensões incômodas dos catetentes, botafoguenses, copacabanenses, enfim, desses cariocas que viviam entre blocos de cimento e monóxidos carbônicos dos veículos à gasolina. Afinal de contas, cá entre nós habitara, há menos de algumas décadas, Machado de Assis, o ermitão do Cosme Velho!

Num dia milagroso veio o túnel, que há séculos arrastava o nascimento e tivera um batismo falso (como o metrô), às vésperas de eleição. A princípio, sem ninguém saber porque, vedaram-lhe os transportes coletivos; mas, depois, vieram os ônibus. E com o túnel, o bairro foi promovido, à custa da publi-

cidade, em nova Constantinopla, isto é, em meio caminho entre os bairros das praias e o centro comercial. Só então nos demos conta de que éramos cariocas como os outros, seres fadados aos blocos de cimento, à poluição e aos assaltos.

Aos assaltos, sim senhor. Em Cosme Velho assassinaram um ilustre deputado federal; em Cosme Velho assaltaram um cientista macróbio; em Cosme Velho lançaram bomba no palacete de próspero mentor de jornal e televisão; no Alto Laranjeiras ocorre um assalto por dia. E até açougueiro ladrão ou supermercado que não conserva leite na geladeira apareceram por nossas bandas.

Mas o pior: os monstros de cimento. Comendo as encostas dos morros verdejantes, destruindo as árvores e seus habitantes passarinhos, tornando privilégio de poucos o que era um bem coletivo (a natureza),

destruindo as calçadas e engorgitando o tráfego, os monstros de cimento enfernizaram o bairro. Governo e particulares congregaram-se na destruição, marca patente do sistema que os fez nascer: o do lucro imediato. Ao lado do monstrego de cimento que abriga os computadores eletrônicos do falecido INPS, as torres sem graça dos dourados, dos fortes, dos fernandes e dos bogoricins.

Uma vantagem, no entanto, essa invasão nos trouxe: os professores de ciências (naturais ou sociais, não importa) do Colégio São Vicente não precisam mais mandar os seus alunos, nossos filhos, pesquisar a poluição em bairros distantes. E muito menos ilustrar a marcha do capitalismo com exemplos analógicos. Agora temos tudo às nossas portas.

José Nilo Tavares

# Pe. Almeida: Morreu Paulo VI, nasce outro papa

# A morte surpreendente de JOAO PAULO I

A morte do papa João Paulo I surpreendeu-nos em plena execução da revista, como a todo o mundo. As manifestações unânimes daqueles que elegerão o novo papa, contudo, permite-nos prever a preservação do espírito de João Paulo I, tema principal da reportagem.

Neste particular, ela continua atual.

Por outro lado, as mensagens de D. Evaristo, D. Aloísio e do Padre Almeida, abaixo transcritas, endereçam-se a todos os leitores, procurando estreitar a corrente cristã do humanismo, da libertação e da presença de Cristo, nas decisões das Igrejas.

A redação

— "O sr. não acha uma injustiça a gente não ter feriado por ocasião da morte do Papa"?

Com questões como esta, alguns alunos, dentre os mais espontâneos, me interpelaram naquela 2ª feira, 7 de agosto.

O Papa havia falecido na véspera, à tarde. Os meios de comunicação do mundo inteiro viram-se abastecidos de notícias e manchetes.

O mundo cristão, surpreendido pelo acontecimento, despertou aos poucos para a consciência da orfandade e para o dever da prece pelo que se foi e pelo vindouro.

As Escolas Católicas através de seus representantes, começaram a se perguntar que atitude testemunharia melhor a própria participação no luto universal.

Consultas, telefônicas apressadas (e como é difícil completar telefonemas em tarde de domingo!), assim como idéias internamente trocadas levaram uns a proclamar feriado na 2ª feira; outros a permanecer em compasso de espera; e terceiros, a empreender campanha de conscientizar os alunos sobre a parte de cada um no processo da História que faz nova curva (grande ou pequena, Deus sabe) a cada sucessão de Papa.

O Colégio São Vicente, adotou o terceiro esquema. Todas as turmas receberam, naquela 2ª feira, a visita de alguém que, em 10 minutos de comunicação, procurou responder à questão inicial: "por que não houve feriado"?, mostrando quem é o Papa, quem foi Paulo VI, como viveu o Diálogo, a bus-



ca da Paz, como deu prosseguimento ao Concílio Vaticano II e lutou pela unidade cristã. Mostrando a seqüência dos acontecimentos na Cidade do Vaticano de então, até à eleição do novo Papa e de como podemos participar.

Em cada sala, os alunos eram convidados à prece que, naquele mesmo dia 7 e nos seguintes, se concretizou em celebração eucarística a que estiveram presentes as representações da comunidade escolar...

— E o novo Papa? Como será? Tradicional?

Moderado?  
Progressista?

Todos, e não apenas os teólogos, sonham com um Papa ideal.

O principal é que nosso espírito de Fé seja suficientemente adulto e atento para não se deixar abater com a realidade, caso não seja eleito o nosso possível candidato.

O Espírito Santo, presente à vida da Igreja, faça com que o novo Papa seja de fato "o que deveria vir". E o Colégio São Vicente com toda Igreja aclamará! Viva o Papa! Viva JOÃO PAULO II!

# O NOVO PONTÍFICE

João Paulo I é o seu nome, síntese preciosa dos dois pontificados anteriores, é, por isso mesmo, uma diretriz de seu pastoreio.

Raras vezes, certamente, a surpresa e a emoção se têm dado as mãos tão estreitamente pelo êxito de um Conclave. Surpresa pela rapidez da eleição tanto como pelo pouco conhecimento anterior do "eleito", uma vez que seu nome não figurava entre os primeiros "papáveis". Emoção, porque, mal eleito, o Sto. Padre conquistou Roma e o Mundo pela simplicidade, assim como pelas corajosas e significativas renúncias às pompas de Coroação ou Entronização.

Nascido em Forno di Canale, hoje, Canale d'Angordo, na arquidiocese de Veneza, a 17 de outubro de 1912, filho de mão doméstica e pai pedreiro, sacerdote aos 23 anos, depois Bispo e, ultimamente, Cardeal Patriarca de Veneza, Albino Luciani não perdeu, nas sucessivas ascensões, a nostalgia do berço: o amor à pobreza, à humildade.

Sua atitude concreta, quando bispo, de ordenar ao clero a venda de bens das paróquias para, com o resultado, indenizar pessoas pobres, assim como a decisão de adotar como lema a palavra Humildade, são testemunhos suficientes eloquentes de sua identificação com o mundo da pobreza.

Nesta curva da história, em que a Igreja, povo de Deus, se conscientiza de sua condição de "servidora e pobre", é, não só excelente presságio, mas também grande estímulo para todos o perfil que já se desenha, do novo Pontífice. Como Aquele que ele representa, quer ser "doce e humilde de coração".

Este Informativo, voz de nossa AEC-RJ., registra o grande acontecimento da eleição de S.S. o Papa João Paulo I e, em nome de todos os educadores católicos, eleva seu louvor ao Senhor. Após a provação da orfandade, nos presenteia com um novo Papa que parece ter no diálogo fácil, a humildade consciente e no sorriso franco seus poderosos instrumentos de pastoreio universal.



## D. Aloísio Lorscheider

D. Aloísio, presidente da CNBB, considerando que o papa João Paulo I será antes de tudo um evangelizador, define o conceito:

— "Evangelizador de um Evangelho inserido na realidade do mundo de hoje, voltação para a formação de um espírito de fraternidade entre os povos. Se somos todos filhos de Deus, como filhos de Deus devemos nos comportar. Evangelizar também significa estimular o homem a se utilizar, para o desenvolvimento de sua personalidade, de todos os bens que Deus colocou à sua disposição. Isso sem falar num terceiro aspecto da questão: o respeito ao homem, o respeito aos direitos fundamentais do homem".

— "E um quarto: as preocupações que todos devemos ter diante da ameaça de esgotamento dos recursos naturais do planeta. Em tudo isso está inserido, o evangelho. O plano criador de Deus estabelece condutas para todas essas situações. Principalmente diante do fato de que a vida está permanentemente em perigo no mundo de hoje. E tudo que representa um atentado à vida é um atentado ao Evangelho".

## D. Evaristo Arns

— "A unanimidade da opinião pública e também a pressa com que foi escolhido o papa provam que a igreja esperava um pontífice deste feitio, um pastor. Luciani não sabe apenas como falar diretamente às pessoas, traduzindo grandes verdades, em termos bem acessíveis. Não. Ele também é um homem que gosta de comunicação. Gosta de escutar, e também sabe escolher aquilo que se diz a ele... Parece, portanto, um homem que continua a maneira de ser de João XXIII, mas também encarna a firmeza de Paulo VI".

— "Luciani compreende que o principal problema da Terra, neste momento, é o problema da justiça. Ele mesmo indagou muitas vezes: "Como se podem cobrir de ouro as imagens santas quanto tantas pessoas passam fome na África, na Ásia, na América Latina e em tantos lugares?" Também muitas vezes apelou para os países ricos, dizendo que os mais pobres tem o direito de levantar a sua voz, de apelar por uma maior justiça dentro do mundo".

— "Ele será uma espécie de missionário para o mundo, um papa que continuará a bater-se pelo ecumenismo, pela paz, contra a guerra. Será um papa capaz de preparar o futuro".

## As novas profissões:

# A FÍSICA

## INFORMAÇÕES GERAIS

### Objetivos :

Os cursos de Física têm por objetivo, de maneira geral, no Brasil, a formação básica, nos diversos campos da matéria, de profissionais de nível superior na área da tecnologia, bem como a formação de especialistas em física. Por outro lado, essa formação volta-se para o desenvolvimento da tecnologia e a preparação de pessoal habilitado a transmitir conhecimentos básicos da disciplina aos alunos de cursos secundários, bem como à preparação de técnicos, nos vários ramos industriais, vinculados à **matéria** e à **energia**.

### Onde estudar

No Estado do Rio, existem cursos de Física na PUC (rua Marquês de S. Vicente, 209, Gávea, Rio); na Universidade Federal do Rio de Janeiro (Fundão, Ilha do Governador) e na Universidade Federal Fluminense (Niterói). A PUC e a UFRJ oferecem, ainda, cursos de pós graduação (mestrado e doutorado).

### Currículo

A duração dos cursos de graduação em Física é de oito períodos (semestres) letivos, os quais podem ser cumpridos, no entanto, em algumas universidades, em 7 períodos regulares. Os cursos oferecem a formação em bacharelado (162 créditos ou 2280 horas-aula) e licenciatura (155 créditos ou 2820 horas-aula), aparecendo ambos como complementares; por isso, os créditos obtidos no bacharelado (voltado para a pesquisa) podem ser computados, em sua parte, para a licenciatura (magistério de nível secundário).

### Disciplinas a estudar

No curso básico: Física, Cálculo, Álgebra Linear, Química Geral, Mecânica, Eletrônica (bacharelado) e Fundamentos da Educação, Biologia Geral, Geologia, Psicologia da Educação, Didática Geral e Física Aplicada (licenciatura). No profissional: Estrutura da matéria, métodos matemáticos da física, eletromagnetismo, laboratório de física moderna, mecânica quântica, geologia, biologia e física estatística.

### Mercado de trabalho



Segundo o Roteiro de Profissões do CESGRANRIO, o mercado para o físico, no Grande Rio, é um pouco restrito, mas já começa a ampliar-se com a criação de grandes centros de pesquisa. Em São Paulo, é bem maior. De maneira geral, os físicos estão sendo solicitados no setor de informática, como analistas de processamento de dados. Os professores de física, no entanto, são bastantes requisitados nos ensinos de 1º e 2º grau e no ensino superior, onde aparecem também na área da engenharia e da química. O trabalho, de pesquisa pode ser encontrado, por exemplo, nos institutos de física das Universidades, no Centro Brasileiro de Física (no Rio), nas instituições médico-hospitalares (hospitais do IPASE e do câncer), centros de processamento de dados (Rio Data Centro, etc.) e empresas de sistemas eletrônicos e comunicações.

## Pais e alunos do Colégio S. Vicente

A Associação de Pais e Mestres pode ser um instrumento de extraordinária valia no aperfeiçoamento das condições de educação e ensino do colégio. E consequentemente, dos nossos seus filhos. Colabora com a APM e a revista CHAMA, procurando seus diretores, enviando colaborações escritas, transmitindo suas críticas, assistindo as nossas reuniões. Ajude-se, ajudando-nos.



Professor Leite Lopes, físico brasileiro

José Leite Lopes é considerado um dos físicos mais renomados do País, em virtude de constantes esforços desenvolvidos nos últimos 30 anos, neste campo. Professor de física teórica da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Louis Pasteur, na França, foi também diretor do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas. Escreveu vários trabalhos sobre física atômica, eletrodinâmica, simetrias das partículas elementares e sobre a significação econômica e política do desenvolvimento da ciência. Transcrevemos a seguir trechos de entrevista que o físico brasileiro concedeu ao periódico "Impact of Science on Society", da UNESCO, em Paris, ano passado.

**P — O que distingue a "escola de ciências" na América Latina das de outros países?**

**R —** Não há "escolas científicas" na América Latina, uma região que compõe a maior parte de um hemisfério e cujos países tiveram sua própria e específica evolução histórica. Existe a Argentina que atingiu um grau relativamente alto de desenvolvimento cultural e econômico antes das outras nações latino-americanas. Por cerca de 1911, o físico alemão Richard Martin Grans fundou uma escola de física em La Plata. No México, uma importante equipe de físicos articulou-se, na Universidade Autônoma, com o trabalho pioneiro de Manoel Sandoval Vallarte; como também renomados matemáticos e fisiologistas existem naquele país. No Brasil, a pesquisa nos campos da biologia e da medicina teve seqüência a partir da luta (iniciada no princípio do século) contra a febre amarela e algumas "parasitas do café", tais como a convolução de Broca.

Mas a pesquisa sistemática no campo da matemática, da física e outros ramos das ciências naturais e sociais, tornou-se possível somente após a implantação de institutos e de escolas científicas. No Brasil, esta implantação acompanhou a política de industrialização e de desenvolvimento nacional subsequente à Revolução de 1930. Nesse país como em outros da América Latina, existem hoje cientistas com talento e instituições científicas de bom nível.

Tendo dito isto, gostaria de acrescentar que há muito o que distinguir na prática de pesquisa na América Latina daquela que é executada na Europa e na América do Norte. No período colonial, a ciência e a cultura autônoma não tinham vez. As regiões da América portuguesa e espanhola simplesmente desempenhavam o papel de fornecedores de matéria-prima, especialmente ouro e prata, toda uma produção canalizada para a metrópole. Nos tempos modernos, o desenvolvimento científico responde às coerções políticas e econômicas baseadas na cópia dos padrões norte-americanos e europeus de crescimento. Neste processo de imitação, as nações latino-americanas integraram-se no mercado econômico-cultural das nações avançadas industrialmente e a integração realizou-se através de um mecanismo de dependência. Como conseqüência, a ciência reflete necessariamente tais limitações.

**P — Você diria que houve impedimentos culturais assim como econômicos, para o florescimento da ciência na América Central e do Sul?**

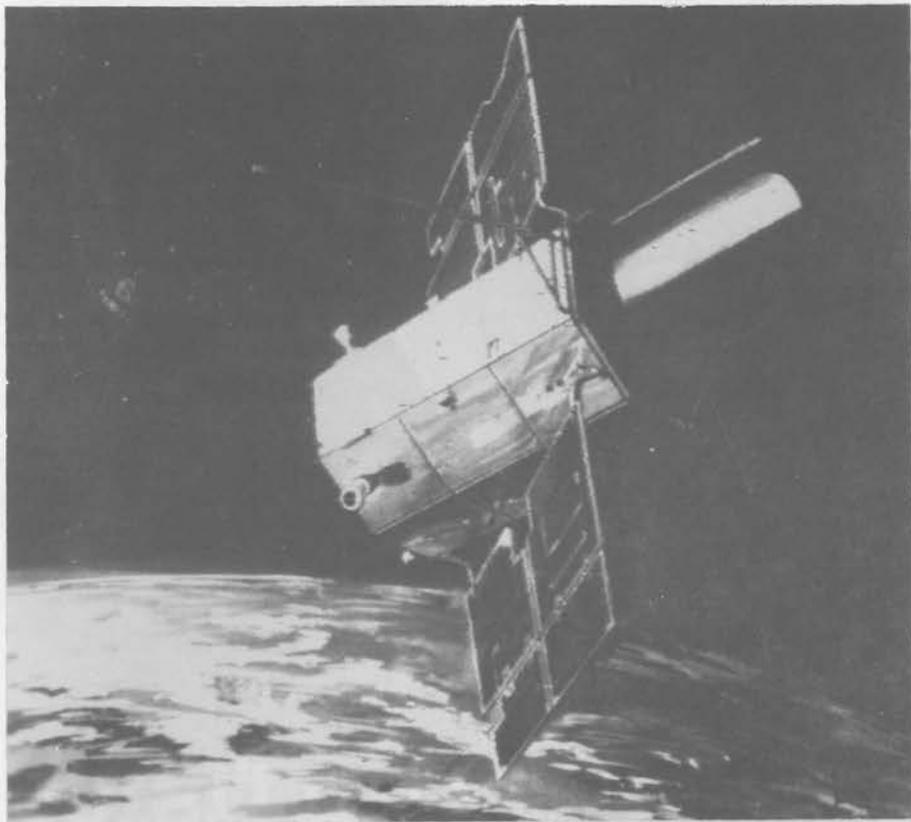
# Um físico fala sobre o homem

R — Mencionei a dependência econômica e cultural da América Latina: Todos nós fomos educados, desde o curso primário até à Universidade, através de uma aprendizagem voltada para a avançada civilização européia, enaltecendo-a, louvando-a, como hoje agimos em relação à cultura americana. A ciência tem sido apresentada como um corpo universal e único de conhecimentos — aplicável a todos os países, porém neutra política e ideologicamente. Muitos de nós, após termos recebido treinamentos especializados no exterior e retornado para o nosso país a fim de participar da chamada luta pelo desenvolvimento, encontramos obstáculos para o progresso de nosso trabalho. Muitos de nós descobrimos, entretanto, que as questões que colocávamos eram inadequadas.

**P — Por exemplo?**

R — Primeiramente, devemos perguntar “para que forma de sociedade, para que tipo de projeto nacional se quer o desenvolvimento?” Deve-se perguntar quem se beneficia da atual política desenvolvimentista. Ademais, como a ciência não é universalmente aplicável, seus métodos não são necessariamente únicos. Além disso, a ciência não é politicamente neutra; a dependência econômica dos países da América Latina está evidentemente expressa, no momento atual, pela implantação das empresas multinacionais. Tais firmas instauram seu próprio conhecimento de pesquisa de mercado, administração empresarial e pesquisa tecnológica e científica. Descobertas e inovações são realizadas nos grandes laboratórios dos Estados Unidos e Europa.

Como, então, esperar que a pesquisa vá emergir em países dependentes? Bem, nestes países pode haver alguns cientistas brilhantes trabalhando em certos domínios cujo trabalho é plenamente apreciado no exterior. Mas uma economia dependente implica dependência científica, com todos os obstáculos que se colocam para a total realização das aspirações dos povos nos países em desenvolvimento. E se um dado país dependente dispuser de mais recursos e, de uma economia mais rica e conseqüentemente um programa mais avançado para a pesquisa científica que o de outros países em via de industrialização, descobre-se, inevitavelmente, que a situação beneficia corporações e sistemas universitários estrangeiros.



**P — Por que você menciona o sistema universitário no contexto das empresas industriais?**

R — As multinacionais numa região tal como a América Latina são tentaculares e altamente poderosas. Mantém enormes laboratórios de pesquisa e desenvolvimento em suas matrizes na América do Norte e na Europa, empregando cientistas e tecnólogos que executam o trabalho criador de pesquisa e inovação tornando possível a fabricação de novos produtos e serviços. Mas quando estas companhias se estabelecem em regiões em desenvolvimento — áreas dependentes de que falei — não têm o menor interesse em abrir laboratórios que pudessem eventualmente competir com aqueles instalados na metrópole.

Justamente por causa desta situação, as universidades nos países dependente tiveram sempre programas de desenvolvimento, de forma retardada. Não podem estimular a criação de grandes equipes científicas. A pesquisa e o desenvolvimento no âmbito universitário, permanecem acessório do que se concretiza externamente. Digo isto com pleno conhecimento de que variam os recursos disponíveis em diferentes países em desenvolvimento. O Brasil, por

exemplo, rico em vários recursos, pode executar melhores programas para o desenvolvimento do que alguns de seus vizinhos.

Mas se você examinar os programas de pesquisa de qualquer um desses países ao microscópio, verá que eles servem aos interesses — não de um desenvolvimento alternativo e autônomo — do desenvolvimento segundo a política das empresas transnacionais. São estas que colhem os frutos da pesquisa. Assim, quando me refiro a uma aliança entre as corporações e os sistemas universitários estrangeiros, quero evocar a relação que existe entre as firmas industriais nos Estados Unidos e na Europa associadas quase que exclusivamente com os sistemas universitários correspondentes, e que lhes dão subvenções e lhes confiam projetos de pesquisa.

**P — Dado o estágio atual de desenvolvimento de vários países da América do Sul e Central, a pesquisa científica está associada na mente popular com as atividades de um elemento elitista na sociedade?**

R — Não somente na América Latina, mas na Europa, América do Norte e alhures. Os conceitos de gênio, de ta-

lento raro, juntamente com os de heróis de batalhas e guerras, fazem parte da educação em toda parte, pelo menos no mundo capitalista. E talvez haja dentre muitos cientistas, certamente na Europa, um sentimento que eles compõem uma aristocracia do conhecimento, uma casta privilegiada. Cientistas como trabalhadores, como parte do povo: é esta uma noção generalizada entre os cientistas? Não é o ideal de muitos pesquisadores ser conselheiros de importantes agências governamentais, dirigir grandes cadeias de laboratórios, gerir vultosas dotações financeiras, serem consultores na estratégia de guerra e na fabricação de armas? De fato, quanto se gasta no mundo todo com pesquisa militar dirigida por uma elite quase secreta?

Mas na verdade não é somente a opinião popular que esta elite existe. Os próprios cientistas, infelizmente, se consideram um grupo privilegiado. Tome-mos o caso do cientista ansioso em ganhar o Prêmio Nobel ou mesmo de um prêmio nacional. Minha atitude é que os cientistas deveriam ser mais modestos na procura de gratificações, deveriam considerar-se simplesmente como um elemento no amplo empreendimento humano. Que a situação não é esta em toda parte, rapidamente verificamos quando se consideram os altos salários percebidos pelos cientistas em relação aos do trabalhador comum.

**P — Isto parece ter sido uma das justificativas para alguns pesquisadores e professores de ciência descontentes terem deixado a América Latina e não mais voltarem. Tal situação é um sério elemento na "evasão de talentos"?**

R — É verdade que alguns especialistas insatisfeitos deixaram seus países. Alguns partiram depois que não puderam obter postos a que aspiravam, outros porque os meios materiais à sua disposição foram considerados inadequados para seus programas de pesquisa.

Mas há outros que deixaram o país por terem sofrido pressão por parte das forças governamentais totalitárias. Há ainda aqueles que tentaram compreender porque os empecilhos à pesquisa se punham em primeiro plano e porque os sistemas políticos nos países da América Latina mantêm uma pequena elite muito mais rica enquanto a maioria da população está cada vez mais pobre. Esta tomada de posição não significa "jamais retornar". Foram simplesmente proibidos de trabalhar em seu próprio país.

Enquanto que a "evasão de talentos" é uma consequência do sistema, sua magnitude não é desprezível e acompanha a evasão de recursos naturais — o escoamento de lucros para outros países, a desvalorização do preço das matérias-primas e o eterno déficit nas balanças comerciais internacionais de muitos países dependentes — o que é talvez mais significativo.

**P — Desta forma a evasão de talento não tem significação espantosa?**

R — É terrível neste sentido que as condições que provocam tal problema violam claramente os direitos humanos. Creio que todo cidadão tem o direito de trabalhar em seu próprio país a menos que seja julgado e condenado como criminoso ou se tenha separado da comunidade. Mas se nunca foi levado a um tribunal, ninguém entende realmente que falta possa ter cometido. É o que entendo como uma violação dos direitos humanos. Isto aplica-se não somente aos políticos como também aos cientistas e a todos os cidadãos. Reitero, entretanto, que a evasão de intelectuais não se compara com o esgotamento dos recursos das nações em desenvolvimento (que possivelmente é a causa fundamental dos primeiros).

**P — Qual foi a maior diferença percebida como professor na Europa e ministrando aulas na América Latina?**

R — Um cientista de um país industrializado e desenvolvido sempre acha que é útil ao processo social que caracteriza seu país. Se ele for professor universitário na França ou nos Estados Unidos ou pesquisador industrial no Reino Unido ou na República Federal Alemã, o indivíduo sente que atua integralmente com o resto da sociedade. Pode não ser uma afirmação universal, mas, com certeza, é uma situação generalizada.

Num país subdesenvolvido é antes de tudo um pária. Um físico à frente de uma pesquisa em energia atômica, por exemplo, não realiza, virtualmente nenhum trabalho lúdico. O cientista poderia estar cômico da probabilidade de que do trabalho de sua reduzida equipe não nascerá um novo tipo de reator, de que não será possível a seu país contribuir de forma significativa, para o desenvolvimento técnico-científico. O conhecimento verdadeiro útil vem com as fábricas importadas (o reator) ao passo que o trabalho do cientista nativo, inproveitado, é para a sua própria satisfação, ou pelo menos para o ensino. Seu trabalho não se transforma, *ipso facto*, para ser fruído por toda a população local.

Uma analogia pode ser suficiente. Um cliente do mundo em desenvolvimento entra num supermercado moderno (mercado de tecnologia) onde todas as provisões à mostra vieram de fornecedores externos (cientistas e pesquisadores estrangeiros). Ele, o cliente, compra sem poder participar da venda de mercadorias para o super-mercado — não porque não saiba como fazer o pão mas porque desconhece mesmo o cultivo do trigo! Ou ainda porque, se produz o pão, este não será aceito pelo distribuidor.

**P — De que necessita mais a América Latina hoje, se a ciência e a tecnologia devem prover as nações em desenvolvimento?**

R — Não há dúvida de que a América Latina necessita de muitas coisas como pré-requisitos para seu próprio desenvolvimento científico. Tudo será possível se estes países puderam tronar-se livres da força imposta. Devem estar habilitados para conquistar a liberdade de seus povos.

**P — Falar do futuro inevitavelmente implica falar do papel dos estudantes de hoje. Você pode comparar ou contrastar os estudantes latino-americanos de ciência com os de outros países?**

R — Os estudantes das Américas do Sul e Central não são essencialmente diferentes de outros países que se dedicam às ciências.

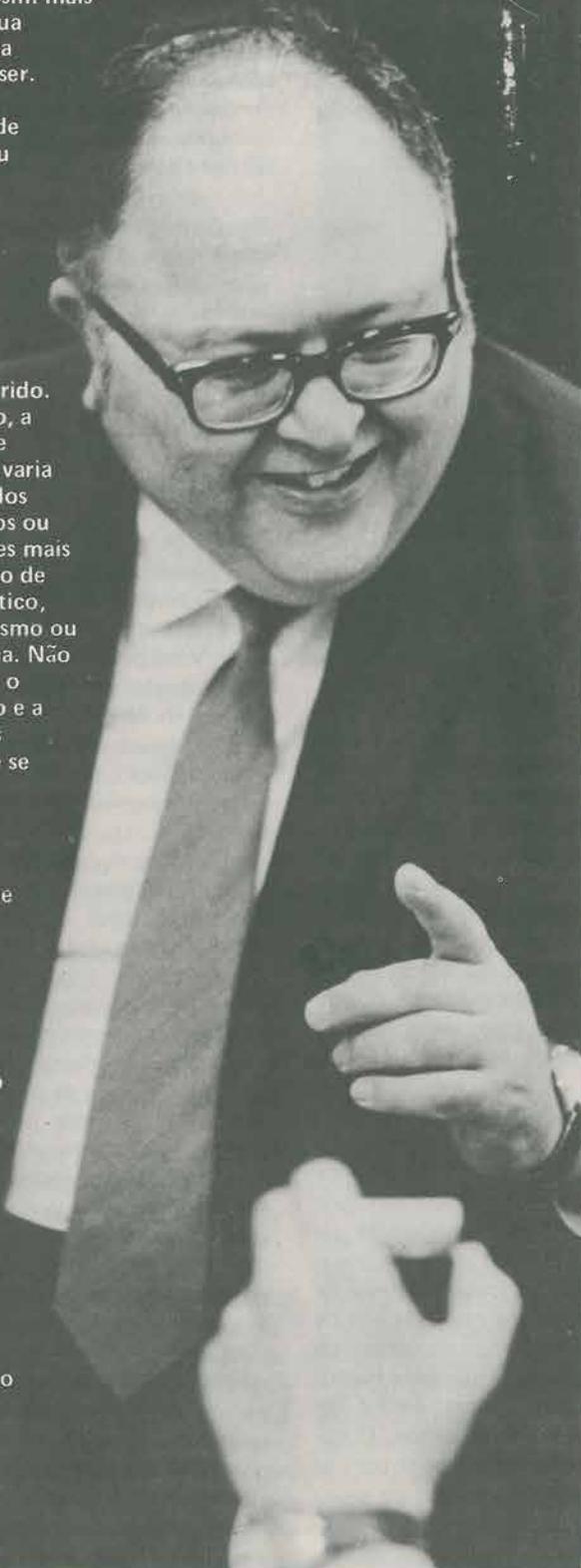
A juventude é criativa e estimulante em qualquer lugar. Tive alunos na Argentina, Brasil, México, Estados Unidos e Europa. Prefiro dizer algo sobre aqueles que se supõe devam ensiná-los, já que acredito que todo cientista deveria exercer a prática do ensino. Uma das coisas que descobri em vários países é a existência de cientistas que nada desejam fazer senão pesquisas. O que é errado, já que ninguém pode criar ou fazer descobertas todos os dias, durante todo ano. De vez em quando nos cansamos.

Mas se um pesquisador é solicitado a aparecer perante uma sala de aulas, é com frequência submetido a questões inesperadas que partem de sua jovem audiência. O que traz frequentemente para o pesquisador, uma abertura de novos pontos de vista. Além disso, do ponto de vista puramente humano, até mesmo um cientista experiente aprende cada vez mais que a ciência é bela e algo muito importante para nossas vidas. Assim a juventude propulsiona o reavivamento até mesmo dos pesquisadores mais experientes na aventura da descoberta e da aprendizagem.

A preocupação com o futuro tem crescido nas últimas décadas, talvez menos pelo interesse de cada um com o destino das futuras gerações do que pelo fato de que as mudanças no mundo tem sido tão mais rápidas, tão mais abrangentes e tão mais profundas, que estão envolvendo assim mais diretamente a própria família e seu próprio ser.

O tipo de preocupação de cada pessoa ou cada grupo é, sem dúvida, fortemente condicionado por sua sensibilidade, sua cultura e pelo contexto onde está inserido. Por outro lado, a atenção que se dá ao assunto varia desde os estudos mais profundos ou as colaborações mais sérias do ponto de vista humanístico, até o diletantismo ou mesmo a ironia. Não há dúvida que o próprio tempo e a aceleração das mudanças que se observam no mundo, que estão levando a uma maior participação de todos no processo, se encarregarão, por seus resultados, de tornar o tratamento do assunto mais sério e mais consequente.

Neste artigo, são apresentados os resumos de quatro (4) textos sobre o assunto, considerando-o sob os pontos de vista tecnológico, econômico, cultural e filosófico.



O sorridente futurólogo H. Khan.

# O FUTURO: O que esperar? O que fazer?

Roberto Gomes da Costa

## UMA VISÃO TECNOLÓGICA (OTIMISTA) DO FUTURO

O enfoque tecnológico é dado, neste artigo, através do texto de um livro escrito pelo muito conhecido Herman Kahn e outros ( ) intitulado: "Os próximos 200 anos, uma visão otimista do futuro".

Resumir esta obra é difícil e o melhor seria lê-la na íntegra. Destacamos, entretanto, alguns pontos da mesma, para que se tenha uma idéia do que o autor desejou transmitir. Segundo Kahn, o crescimento econômico e a explosão demográfica não terminarão por destruir a humanidade. Pelo contrário, a população aumentará a uma taxa mais lenta e o mundo disporá de meios para financiar a prosperidade e altos padrões de vida para todos, com o apoio de tecnologias altamente sofisticadas.

Khan nos relata que, no século XXI, cabe esperar uma transição para um diferente tipo de economia de serviço, que chamamos de quaternária, ou economia pós-industrial. Haveria assim uma ênfase extraordinária às atividades de lazer. O grande risco associado a essa condição seria, como Kahn afirma, a tendência ao tédio e à estagnação, incompatíveis com os partidários do dinamismo, da livre iniciativa e do espírito empresarial.

Quanto ao crescimento populacional, Kahn afirma que a atual taxa de crescimento é temporária, e que a expectativa de que o crescimento exponencial continue durante apreciáveis períodos só pode ser uma ilusão.

Quanto ao consumo de energia, a posição de Kahn não é menos otimista — as fontes de energia serão inesgotáveis, como resultado do progresso científico e tecnológico.

As necessidades alimentares da humanidade serão também satisfeitas e, segundo ele, uma projeção mais razoável seria no sentido de uma eventual abundância. A adaptação geral de gostos e hábitos dietéticos a alimentos baratos, produzidos por fábricas de alta tecnologia, seria uma das causas dessa abundância, entre outras medidas.

As preocupações quanto ao meio ambiente também serão solucionadas, segundo Kahn, pelo progresso da tecnologia correspondente. Embora venha a ser dispendioso criar e manter um meio ambiente satisfatório, Kahn acha que isto será economicamente viável.

Na transição para uma sociedade pós-industrial em que Kahn firmemente acredita, este autor supõe que as duas próximas décadas serão caracterizadas pelos seguintes aspectos:

- a) observar-se-á uma mudança básica no caráter das taxas de crescimento populacional (abandono do crescimento exponencial);
- b) o período 76/85 deverá caracterizar-se pela mais alta taxa de crescimento econômico;
- c) o mundo político será crescentemente multipolar, sendo que um ecumenismo econômico e tecnológico armará o palco para o desenvolvimento ulterior de uma economia principal global e tecnológica, multipolar e parcialmente competitiva;
- d) o mundo se tornará relativamente anárquico, porém também relativamente ordeiro e unificado, com novos problemas, entretanto, de estabilidade interna e internacional.

Quanto à possibilidade da existência de um governo mundial, Kahn é inteiramente cético a esse respeito, imaginando as respostas dos americanos, japoneses, europeus e soviéticos às seguintes questões:

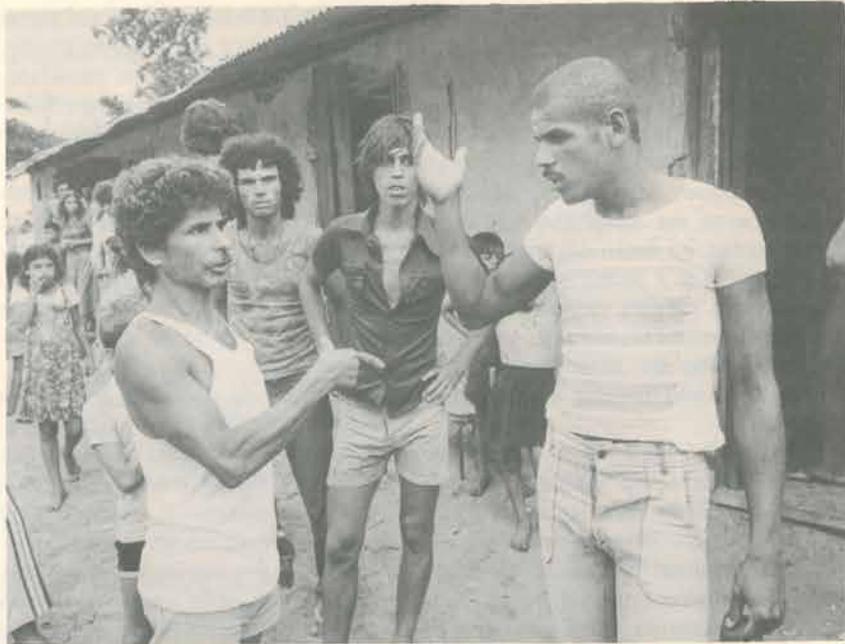
"Vocês estariam dispostos a pôr suas vidas e interesses nas mãos de um governo baseados no princípio de um homem, um voto — isto é, um governo dominado pelos chineses e indianos?"

"Vocês estariam dispostos a pôr suas vidas e interesses nas mãos de um governo baseado no princípio de um Estado, um voto — isto é, um governo controlado na maior parte por pequenas nações latino-americanas, asiáticas e africanas?"

### POR UMA NOVA ORDEM ECONÔMICA MUNDIAL

O ponto de vista econômico sobre as preocupações a respeito do futuro é

Que tipos de disputas no futuro?



trazido, neste artigo, através do trabalho de Samir Amin ( ), economista egípcio, apresentado à mesa redonda sobre cooperação cultural e intelectual e a nova ordem econômica mundial, realizada na sede da UNESCO, em Paris, em junho de 1976.

Samir Amin levanta o problema da luta por uma nova ordem econômica mundial, especialmente a que vem sendo empreendida pelos países do Terceiro Mundo há pelo menos 20 anos. A primeira fase dessa luta foi a independência política desses países, particularmente os da Ásia e da África.

O movimento dos não alinhados, segundo Amin, preocupou-se durante mais de dez anos com os grandes problemas da independência política dos países do Terceiro Mundo. No plano econômico, os movimentos nacionais de libertação e os governos deles advindos, não desenvolveram idéias inovadoras. Achavam, na opinião daquele autor, que, com pequenos ajustes, as estratégias desenvolvimentistas empregadas na época colonial poderiam ser mais ou menos seguidas e que a integração dos novos Estados na divisão internacional do trabalho e na economia mundial oferecia tantas vantagens que não haveria necessidade de questioná-la.

Somente em uma segunda etapa é que os países do Terceiro Mundo começaram pouco a pouco a compreender que a independência política só teria valor se resultasse em independência econômica, e que esta última teria que ser conquistada do mesmo modo que a

primeira. Esta posição foi finalmente adotada nas conferências da LUSAKA e de ARGEL, na década de 70, pelos países não alinhados.

A nova ordem econômica mundial que o Terceiro Mundo passava a reivindicar consistia basicamente de duas idéias: uma era de que os produtores de matérias primas deveriam se organizar; a segunda era de que seria necessário a solidariedade entre os países do Terceiro Mundo.

Um dos resultados práticos dessas idéias foi, segundo Amin, a atuação da Organização dos Países Exportadores de Petróleo, fundada desde o início da década de 60, mas atuante somente na década de 70.

A crise do petróleo foi um dos exemplos, segundo Amin, de que a conquista da independência econômica dos países do Terceiro Mundo não seria feita sem resistência da atual ordem econômica mundial. O autor argumenta que fatos como a elevação dos preços do petróleo deveriam merecer o aplauso dos países desenvolvidos, se eles fossem coerentes e desejassem realmente conservar os recursos dos planetas. A luta pela modificação da ordem econômica mundial estava mostrando todas as fraquezas do sistema e a impossibilidade de se conseguir até mesmo pequenas mudanças do sistema internacional.

A idéia de que o Terceiro Mundo deveria recorrer cada vez mais a seus próprios recursos tornou forma e, por conseguinte, deveria pensar numa forma de desenvolvimento que consistisse num afastamento mais ou menos acentuado

do sistema internacional de divisão de trabalho.

Aliás, a integração no sistema econômico mundial é questionável, segundo Amin, já que se baseia numa divisão do trabalho que é responsável pela distribuição desigual de renda e, portanto, pelo aumento das distorções que impedem o verdadeiro desenvolvimento.

Começa-se a pensar então se, para reconstruir o sistema mundial, não será necessário destruí-lo, ou seja, sair dele. Mas esta saída do sistema mundial é apenas o último recurso e uma triste obrigação.

Há vários modelos de desenvolvimento. Há o modelo capitalista, o modelo originado da experiência da Europa Oriental, ou ainda o inspirado na experiência atual da Ásia Oriental. Todos tem caráter universal.

O capitalismo criou um sistema mundial; resta-nos, segundo Amin, pensar em estendê-lo ou sair dele. Ele foi até agora extremamente destrutivo e não considerou a diversidade como vantagem. Mas foi também inovador. Criou muitas coisas e consequentemente, as condições para se chegar a algo melhor.

O Terceiro Mundo não produziu nenhum modelo especial e Amin não crê que seja capaz de produzir um, porque mesmo que conteste as leis que governam o desenvolvimento do sistema capitalista mundial, ainda está sujeito a elas.

Segundo Amin, a única maneira adequada de combater o sistema capitalista é opor-lhe um modelo que, embora de caráter universal, respeite de fato a diversidade e faça delas um fator positivo de enriquecimento das nações.

As conclusões de Amin revelam portanto uma perplexidade em relação ao futuro, o que por si só pode ser uma condição necessária para a construção dessa nova ordem econômica mundial.

### RUMO À COMUNIDADE UNIVERSAL DO SÉCULO XXI

O ponto de vista cultural do assunto é dado através do trabalho de William Platt ( ) para o Correio da UNESCO, intitulado "Rumo a comunidade universal do século XXI", que resumiremos a seguir:

As crianças que hoje estão no curso primário serão adultos quando começar o século XXI e terão de enfrentar um problema sem precedentes: viver a interdependência de todos os países. Disto depende sua própria sobrevivência.

A interdependência das sociedades e nações não é um fenômeno novo. Ela tem sido praticada no comércio, nos intercâmbios culturais e científicos e até mesmo na política, nos acordos tratados e alianças.

Mas para nós que aproximamos do século XXI, há algo de novo: a interdependência que as gerações anteriores praticavam de modo parcial, bastante egoísta e até certo ponto "diletante", as gerações atuais terão que praticar com seriedade.

Quando falamos de interdependência diletante queremos dizer que as sociedades e nações podiam escolher as relações que melhor conviessem, o que funcionava — apesar dos efeitos eventualmente cruéis e injustos — num mundo cujos horizontes pareciam infinitos, onde cada nação podia escolher livremente seu caminho e onde não se fazia sentir a necessidade de definições comuns de justiça e direitos humanos. Mas o mundo moderno é infinito, limitado e com uma população em contínuo aumento. Por conseguinte, a sobrevivência depende de um mínimo de interdependência. **Para que a educação contribua neste processo terá de passar por grandes modificações.**

Essa interdependência mínima terá de englobar, em escala mundial, alguns assuntos relacionados entre si: segurança, relações econômicas, cooperação para desenvolvimento, justiça e direitos humanos.

Desconfiança gera desconfiância, e pesa sobre o mundo uma espada nuclear de Dâmocles. Gasta-se em armamentos 163 vezes mais do que se dá à ONU para suas atividades de desenvolvimento e paz.

A interdependência econômica internacional já deu origem a acordos muitos elaborados. Mas o colonialismo, o imperialismo e a interdependência diletante deixaram uma herança de imensas e crescentes desigualdades, condenando centenas de milhões de pessoas a uma existência sub-humana. Por outro lado, grande parte de solo já está estragado, contaminado e destruído. Houve tempo em que se pensou poder confiar na ciência e na tecnologia como solução para tudo. Mas logo se viu que a ciência tem limites.

A cooperação para o desenvolvimento é fundamental à interdependência econômica. O primeiro objetivo do desenvolvimento do Terceiro Mundo, libertar-se politicamente do colonialismo, foi quase alcançado. Mas a defasagem econômica continua a ampliar-se.

Em última análise, só chegaremos à verdadeira interdependência se conseguirmos estabelecer uma justiça a uma ética mundiais. Apesar da Declaração Universal dos Direitos do Homem dizer: "Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana, e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz do mundo . . .", o mundo está bem pouco preparado para tal. **Isto deveria ser ensinado em todas as salas de aula.**

Qual é o estado atual da educação para a interdependência e para o exercício da cidadania mundial?

Na pior das hipóteses, os valores implícitos no ensino tendem a estimular o culto dos heróis militares de cada país, a justificar as próprias ações, a consolidar modelos de conquista do ambiente, esperança desmesurada na ciência e na tecnologia, e, em casos extremos, o racismo, a agressão e a opressão das minorias. Com grande frequência o ensino preocupa-se mais com o passado que com o futuro, enfatizando a interdependência mais do que a interdependência e a cidadania nacional mais do que a mundial.

### O SERMÃO DA MONTANHA

O último texto que abordaremos apresenta a palavra profética e transcendental do Salvador em relação ao assunto e que permanece hoje, ainda tão válida como quando foi ensinada ao mundo.

É o texto do Sermão da Montanha ( ), muito conhecido, embora pouco vivido por nós.

Em suas linhas e entrelinhas é mostrado tudo o que espera do futuro e tudo o que fazer para construí-lo.

Transcrevemos do texto as Bem Aventuranças, um hino de esperança aos mais desafortunados, aos quais em especial Ele se dirigiu.

*"Bem aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.  
Bem aventurados os que choram, porque serão consolados.  
Bem aventurados os mansos, porque herdarão a Terra.  
Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.  
Bem aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.  
Bem aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.  
Bem aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.  
Bem aventurados os perseguidos por causa da justiça porque deles é o reino dos céus.  
Bem aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriaram e vos perseguiram e mentindo, disseram todo o mal contra vós"*



## ANDE NA MODA!

Reformamos seu guarda-roupa modernizando seu vestuário antigo ou fazendo novo.

CAMISAS - CALÇAS - TERNOS - ETC. . .

**RASGOU SUA ROUPA?**  
Fazemos cerzimento invisível.

**SUAS ROUPAS NECESSITAM DE OUTROS CONSERTOS?**  
Trocamos colarinhos e punhos. Consertamos calças "Lee", etc.

**FAÇA UNIFORMES SOB MEDIDA!**  
SE SEUS FILHOS, ALTOS E MAGROS OU GORDOS E BAIXOS, TÊM DIFICULDADES OU NÃO SE SENTEM BEM COM UNIFORMES PADRONIZADOS, NÓS OS FAREMOS SOB MEDIDA.

#### FLAMENGO:

Rua do Catete, 288 - Sj. - Tel.: 285-1148  
Largo do Machado, 8 - Loja 1 - Gal.  
Caixa Econômica - Tel.: 285-1148.

#### TIJUCA:

Rua Conde de Bonfim, 252 - Sj. -  
Tel.: 248-2628  
Rua Carlos Vasconcelos, 155/201 - Esq.  
Pça. Saens Peña.

#### COPACAB.: COPACABANA:

Rua Siqueira Campos, 85 - Sj. 204  
Rua Barata Ribeiro, 396 - Tel.: 257-0277

# magazin antony



**Tudo em**

**UNIFORMES COLEGIAIS**

**MENINOS E MENINAS**

**CONFECÇÕES ESMERADAS**

Rua Machado de Assis, 74 - Loja D  
(Próximo ao Largo do Machado)



# **a chama**

## **NESTE NUMERO:**

**A nacionalidade começa aqui: editorial**

**1º ciclo, direiros humanos: cartas do leitor**

**É preciso mudar o 1º ciclo: como?**

**A vida é um teatro?**

**História do Colégio: de JK aos “paraíbas”**

**Professores dão exemplo: organizam-se**

**Viva o novo papa!**

**Como enfrentar o futuro, sem futurologia**

**A física, o país, o homem**

**O progresso chegou a Cosme Velho**

**( e o verde fugiu)**